

FERNANDO PESSOA. SELF-ANALYSIS AND THIRTY OTHER POEMS

Translations by George Monteiro. Lisbon, Calouste Gulbenkian
Foundation, 1988, 89pp. + 1

Yara Frateschi Vieira
Unicamp

Pessoa certamente gostaria de ler as diversas traduções que têm sido feitas de poemas seus para o inglês. Talvez, se os tivesse traduzido ele mesmo, fizesse outra coisa, como, por exemplo, passar o seu português de vanguarda para o inglês isabelino ou "fin-de-siècle" dos seus poemas ingleses (por isso provavelmente não os traduziu, da mesma forma como não traduziu os seus poemas ingleses para o português).

A tradução que George Monteiro oferece agora ao público de língua inglesa, incluindo 9 poemas do Pessoa ortônimo (2 da *mensagem*), 12 de Alvaro de Campos, 5 de Alberto Caeiro e 5 de Ricardo Reis, transpõe a poesia portuguesa de Pessoa para um inglês contemporâneo ao poeta, fluido e muito à vontade. É interessante observar que os poemas do engenheiro naval formado em Glasgow ocupam mais de 50% do total dos poemas traduzidos: talvez por estar ele mais em consonância com a poesia inglesa do mesmo período, pelo menos mais do que Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Fernando Pessoa ele mesmo? Nessa listagem, Reis é que talvez soe um pouco mais coloquial em inglês do que se esperaria da sua dicção arcaicamente latinista.

Naturalmente, ao traduzir os poemas, George Monteiro teve que fazer algumas opções: assim, por exemplo, abriu mão das rimas do Pessoa ortônimo, perda que compensou com cortes ousados de fim de verso ou com rimas internas; explorou imagens que em Pessoa estão levemente indicadas ("Song swept clean as a doorsill"), tornou mais explícito o que em Pessoa está fortemente concentrado ("That something in me which feels things/Is thinking"). Algumas soluções são engenhosas e únicas, como, por exemplo, a idéia de traduzir para o português o diálogo inglês intercalado em "Psiquetipia (ou Psicotipia)".

Em geral, as traduções demonstram compreensão do texto por-

tuguês, sensibilidade à sua qualidade poética, e mão leve e hábil na sua reprodução em inglês. O que afinal não é de estranhar, considerando a poesia já publicada do próprio tradutor.

Albany, maio de 1991